



Si Somos Americanos, Revista de Estudios
Transfronterizos

ISSN: 0718-2910

sisomosamericanos@unap.cl

Universidad Arturo Prat
Chile

Borin, Marta Rosa

A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA MEDIANEIRA E OS CÍRCULOS OPERÁRIOS

Si Somos Americanos, Revista de Estudios Transfronterizos, vol. XI, núm. 2, 2011, pp. 85-112

Universidad Arturo Prat

Santiago, Chile

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337930340005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA MEDIANEIRA E OS CÍRCULOS OPERÁRIOS

Devotion to our lady mediator and workers' circles

Marta Rosa Borin¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Recibido: octubre 2009. Aprobado: mayo 2011.

RESUMEN

La devoción a Nuestra Señora Medianera de Todas las Gracia surgió en el Estado del Río Grande del Sur, en la ciudad de Santa María, y fue aprovechada, tanto por el clero como por el gobierno de Getulio Vargas, como una estrategia para adoctrinar a la clase operaria con el objetivo de alejarlos de las ideas comunistas. Esa devoción mariana posibilitó a la Iglesia Católica gaucha contribuir en el proyecto nacional de Restauración Católica, en los años 30, cuando buscó, junto a los Círculos Operarios, asegurar el espacio del catolicismo a fines de santificar el trabajo y la familia brasileña. Con esa devoción mariana, la ciudad de Santa María fue proyectada a nivel estadual y nacional, pues esa iniciativa estaba conectada a un proyecto mayor, el de legar una identidad católica a la nación brasileña. Como resultado positivo para la Iglesia, esa devoción se ha tornado la protectora del Estado del Río Grande del Sur y la protectora de los Círculos Operarios.

PALABRAS CLAVES: Devoción popular, Estrategia, Comunismo.

ABSTRACT

Devotion to Our Lady Mediator Of All Graces emerged in the countryside of the State of Rio Grande do Sul, in the city of Santa Maria, and was used both by the clergy and the government of President Getulio Vargas as a strategy to indoctrinate the working

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo/ RS. Coordenadora do Núcleo de Documentação e Pesquisa, Museu Sacro de Santa Maria - RS/ Brasil. Correo electrónico: mrborin@gmail.com

class and keep it away from communist ideas. This Marian devotion enabled the Catholic Church of the state of Rio Grande do Sul to contribute to the national project of Catholic Restoration in the thirties, when it sought, along with the Workers' Circles, to guarantee the space of Catholicism in order to sanctify work and the Brazilian family. With this Marian devotion, the city of Santa Maria was projected to state and national levels, as the initiative was linked to a larger project: to bequeath a Catholic identity to the Brazilian nation. As a positive result for the Church, this devotion has become the protector of the state of Rio Grande do Sul and the Workers' Circles.

KEY-WORDS: Popular devotion, Strategy, Communism

I. INTRODUÇÃO

Esse estudo é parte de uma pesquisa mais ampla onde tratamos de analisar as tensões e conflitos no campo religioso² no interior do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. O objetivo deste texto é registrar uma das estratégias utilizadas por agentes sociais da Igreja católica para controlar o avanço das idéias comunistas no Brasil, mais especificamente, entre os operários do Estado gaúcho.

A situação política no Rio Grande do Sul, no final dos anos de 1920, foi conflituosa devido às disputas políticas em torno das eleições presidenciais e, também, pela circulação das idéias de esquerda, principalmente entre os operários. Nesse quesito, a situação não foi diferente no interior do Estado. Santa Maria, cidade pólo ferroviário, onde transitavam muitos operários, entre os anos de 1910 a 1930, situada no centro do Estado, também, viveu as tensões resultantes das diferentes posições políticas e das greves operárias.

Uma das formas encontradas pelo clero católico para doutrinar a classe operária, no Rio Grande do Sul, foi através da propagação da devoção mariana, nesse caso, invocada sob o título de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. A devoção como capital simbólico era repleta de significados que não eram atribuídos ao Estado, uma de-

² Para Bourdieu, a construção do campo religioso está relacionada à perda de poder, posse objetiva daqueles que estão excluídos deste e que se encontram, enquanto laicos sem capital religioso (como trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta não possuem pelo fato de que a desconhecem como tal. Um objetivo fundamental da constituição de um campo especificamente religioso reside na diferenciação entre quem pode ou consegue monopolizar os *bens de salvação* e quem são os agentes sociais que não possuem o mesmo poder e começam a atuar como consumidores destes bens. A partir desse autor, averiguamos como uma devoção mariana foi construída no *campo religioso* e seu atrelamento à questões específicas à estrutura política em jogo. (Gutiérrez 1994:37, 38)

voção “maternal”, conseqüentemente obediente, boa, sensível, subjetiva que abriria *portas* à Igreja. Essa devoção consolidou-se, no Brasil, a partir de um fato ocorrido em Santa Maria, que vamos considerar como estratégico para a propagação do catolicismo entre os operários e no Estado do Rio Grande do Sul.

II. “A MEDIANEIRA NOS SALVOU!”

Os episódios político-militares dos anos de 1920, chamados de Tenentismo,³ e as divergências entre as elites políticas acabaram gerando, no Rio Grande do Sul alguns enfrentamentos, como as Revoluções de 1923 e 1930. No pleito de 1923, o resultado da disputa entre a elite política, foi vitorioso o situacionista Borges de Medeiros, do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). A eleição foi contestada, alegando-se fraude e tomando-se em armas contra o governo estadual. Os oposicionistas promoveram uma série de levantes regionais que teve fim com o Pacto de Pedras Altas, em dezembro de 1923, quando ficou garantido que Borges de Medeiros, depois de completar o quinto mandato, não mais se reelegeria.

A Revolução de 1923 resultou para Santa Maria num ataque ao quartel da Brigada Militar. Os revolucionários sofreram baixas, sendo que a guarnição aquartelada não sofreu perdas e nem a Intendência foi atacada (Belém 2000:281).

O ano de 1925 também foi de agitação política na cidade devido à insatisfação da população e do próprio chefe do PRR, Borges de Medeiros, com a administração municipal. Seu correligionário santa-mariense, Dr. Carlos Ribeiro Tracques provocou uma mobilização na cidade por causa da cassação do seu mandato como Intendente, ocorrido com o apoio de Borges de Medeiros⁴.

³ A primeira revolta tenentista, chamada “os Dezoito do Forte”, ocorreu por ocasião das eleições de 1922 quando, durante a campanha eleitoral, foram ofendidos pelos opositores, o Exército e o Marechal Hermes da Fonseca. A segunda revolta tenentista contra o governo republicano ocorreu em São Paulo, em 1924, surgindo motins no Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará, Amazonas e Sergipe. O Exército bombardeou os quartéis revoltosos e os tenentes retiraram-se para Foz do Iguaçu, onde se uniram aos oficiais gaúchos, formando a Coluna Prestes. A terceira revolta tenentista ocorreu no Rio Grande do Sul, saindo de Alegrete e, com o auxílio dos tenentes de São Paulo, sob a liderança de Luiz Carlos Prestes. Depois de mais de dois anos de batalha os revoltosos retiraram-se para a Bolívia.

⁴ Tracques era acusado de perseguir funcionários que lhe recusassem apoio, de aliciar pessoas dispensadas da Viação Férrea com fins subversivos, além de ser acusado de não administrar bem as verbas públicas. Foi realizada uma consulta eleitoral resultando na vitória de Tracques. A partir disso, se “estabeleceu uma luta e, do entre-choque, resultou a vitória do partido republicano local”. Isso provocou uma divisão entre os membros do

Com essa situação de instabilidade política, a cidade de Santa Maria enfrentou o levante militar de 1926. O fato foi narrado na imprensa como uma sangrenta e vingativa tragédia combatida pela Brigada Militar do Estado contra os revolucionários da Coluna de Zeca Neto. Esses teriam saqueado lojas, casa e estâncias, praticando muitas degolas na cidade e zona rural. Os revoltosos, também, teriam atacado outras cidades do Estado e, derrotados, foram para o exílio no Uruguai. Em Santa Maria morreram alguns militares e entre os feridos também havia civis (Arquivo Histórico Municipal 1927:2); o 5º Regimento de Artilharia Montada, Grupo Mallet e o 7º Regimento de Infantaria, lutaram nas ruas da cidade visando impedir a posse de Washington Luiz à presidência da República, que ocorreria em 15 de novembro de 1926. Assim, o foco de insurreição estava em frente ao 5º Regimento de Artilharia Montada de Santa Maria, em frente ao 7º Regimento de Infantaria e à Igreja do Rosário. Os rebeldes atacaram posições da Brigada Militar e locais do centro da cidade, ficando a cidade sob fogo armado durante 28 horas, resultando em muitos mortos e feridos. No dia 17, os efetivos federais rebelados se retiraram da cidade (Belém 2000:282-85).

Em nível estadual, em 1928, Getúlio Vargas foi eleito pelo (PRR) para governar o Estado do Rio Grande do Sul. Nesse período, foi criada a Frente Única Gaúcha (FUG), unindo republicanos e oposicionistas em apoio à candidatura de Vargas ao governo federal em chapa de oposição pois, o paulista Washington Luiz, presidente da República, inclinou-se para Júlio Prestes como candidato da situação a sua sucessão, preterindo o nome do mineiro Antônio Carlos. As forças políticas dos Estados que se opunham ao governo central formaram a Aliança Liberal, contando, também, com o apoio dos tenentes.

O assassinato de João Pessoa, em julho de 1930, candidato a vice-presidente da República na chapa de Getúlio Vargas, provocou uma revolução armada contra o governo de Washington Luiz. O movimento, que eclodiu em 03 de outubro de 1930, levou o Presidente a entregar o poder a uma junta militar, aconselhado por D. Sebastião Leme, Cardeal do Rio de Janeiro.⁵ Getúlio Vargas, chefe do movimento revolucionário, assumiria o poder provisoriamente em novembro daquele mesmo ano, dominando o cenário político brasileiro de 1930 a 1945 e, mais tarde, de 1951 a 1954.

PRR santa-mariense. A cassação do mandato de Tracques foi inevitável. “O manifesto do Sr. Ribeiro Tracques” (Arquivo Histórico Municipal 1926a:1, 2; Arquivo Histórico Municipal 1926b:2).

⁵ D. Sebastião Leme apoiava Washington Luiz e, na mediação quando da Revolução de 1930, ofereceu sua casa ao presidente que depois foi para o exílio (Silva 1995:60-5).

A versão do jesuíta Inácio Rafael Valle (1952) sobre o episódio foi posta em outra dimensão. Segundo ele, foi Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças que protegeu a cidade de Santa Maria da Revolução de 1930:

A Brigada Militar tomou conta da cidade. A população estava em pânico. Foi dado o prazo até o dia seguinte para entregar os quartéis, caso contrário às 9h:30min do dia 04, iniciariam o bombardeamento dos mesmos. O quartel de infantaria entregou-se à meia-noite e o quartel de artilharia às 9 horas do dia 04, meia hora antes de expirar o prazo cedido. O terror da cidade transformou-se em “*fiesta*”, pois não houve tiros nem derramamento de sangue. E o povo clamou: “*a Virgem Medianeira nos salvou!*”.

Com tal convicção, a devoção a Nossa Senhora Medianeira foi sendo construída em Santa Maria e, a partir desse episódio ocorrido em Santa Maria, foi propagada entre os operários e no Estado.

O trecho acima citado pode ser respaldado pelas notícias do jornal *Diario do Interior* de Santa Maria, à época da Revolução. Edições do citado jornal relataram passo a passo do episódio de Revolução de 1930, no Rio Grande do Sul, e como foi o processo de adesão de Santa Maria ao novo governo federal. Segundo esse órgão de imprensa, a Revolução ocorreu na cidade sem que a população local sofresse as consequências de um enfrentamento militar. A ênfase à devoção mariana foi publicada na coluna *Vida Religiosa* e, pelo teor dos textos do jornal, percebe-se que eram escritos por eclesiásticos, no intuito de propagar a devoção a Nossa Senhora Medianeira, atribuindo a ela a proteção da cidade de Santa Maria naquele período.

Para referendar essa afirmação, observamos que, cinco dias após eclodir a Revolução, no dia 08 de outubro de 1930, o jornal *Diário do Interior* informou à população católica sobre a novena que seria iniciada no dia seguinte, em honra a Nossa Senhora Medianeira. Aquela oração havia sido “*encomendada por uma senhorita desta cidade em cumprimento de que a Virgem Senhora impedisse o derramamento de sangue em Santa Maria*”. Na mesma matéria diz que, “*no dia anterior, 38 pessoas haviam visitado a capela do Seminário para rezarem diante da imagem milagrosa*” (Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso 1930a:4).

A população católica local, a par dos levantes e enfrentamentos da revolução, apelava à devoção mariana que popularizava o prodígio da invocação. Para atestar essa devoção fomentada na cidade, uma notícia do *Diario do Interior* referiu que, junto com o povo católico santa-mariense, os seminaristas vinham rezando o terço, ininterruptamen-

te, no Seminário São José, pedindo pela paz no Brasil e no Rio Grande do Sul e agradecendo a Nossa Senhora Medianeira pela proteção da cidade (Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso 1930b:3).

Como vemos as orações a Nossa Senhora Medianeira não se restringiam apenas à população civil. Antes, vieram do Seminário, por influência do então professor, o jesuíta Rafael Inácio Valle. Os seminaristas do Seminário Diocesano São José já haviam se tornando zelosos pela devoção a Nossa Senhora Medianeira, o que teria motivado o vigário capitular, Luiz Scortegagna, a pedir à Santa Sé o privilégio da *festa a Nossa Senhora Medianeira* para a diocese de Santa Maria. A resposta afirmativa chegara em novembro de 1929, concedida à Igreja particular de Santa Maria, , quando o Papa Pio XI, com missa, ofício e breviário próprios (Arquivo Paróquia Nossa Senhora da Conceição 1930). Em maio de 1930, a diocese de Santa Maria agregou ao calendário litúrgico a devoção a Nossa Senhora invocada como *Medianeira de Todas as Graças* .

A devoção mariana encorajou a população da cidade, pois, no final dos anos 20, o perigo iminente da revolução e do atribuído ao comunismo teria uma resposta concreta, com muitos fiéis em procissão rezando em voz alta, vocalizando sua devoção, uma situação de publicização da crença de que a cidade teria a proteção *divina* .

No jogo das crenças, atribuir a intervenção de Nossa Senhora à mudança de um fato histórico extraordinário, uma ação que teria evitado uma tragédia na vida das pessoas da cidade era questão estratégica que pode ser entendida e interpretada a partir daquilo que Hobsbawm denomina “tradição inventada”.⁶ Segundo o autor, esse termo:

Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e de determinado tempo –às vezes coisas de poucos anos apenas – e se estabelecem com enorme rapidez. (1997:23)

A “invenção da tradição” expressa, no caso, as mudanças ocorridas nas relações políticas entre a Igreja e o Estado, nos anos de 1930, pois na continuidade dessa devoção, Nossa Senhora mudaria a condução da fé católica em Santa Maria e no Rio Grande do Sul. Essa manifestação católica ficou conhecida na cidade e moveu um grupo de pessoas, à época, a pedir às autoridades eclesiásticas a organização de uma romaria oficial à Vir-

⁶ As “tradições inventadas” são um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado (Hobsbawm 1997:9).

gem Medianeira, por ter atendido ao pedido dos devotos para que os quartéis da localidade não aderissem à Revolução.

III. OPERÁRIO IDEAL: CRISTÃO E ANTICOMUNISTA

Na ótica católica, a apropriação da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças haveria de, não somente proteger a cidade, mas, contribuir para cristianizar a classe operária que, à época, tinha idéias originárias do anarquismo e do socialismo. Em Santa Maria, a significativa concentração de operários tinha peso no Estado nos momentos de mobilização da classe em torno da organização de sociedades de caráter reivindicatório. Além disso, a atuação da Igreja católica na cidade estendia-se à educação dos filhos dos ferroviários e também a outros segmentos do próprio operariado.

As insatisfações da classe operária em relação ao empregador era preocupante para alguns setores da sociedade pois, influenciados pelo Movimento Operário de outros países, tomavam consciência, desde o final do século XIX, da necessidade de se organizarem politicamente para conquistar seus objetivos trabalhistas. Para a Igreja, Nossa Senhora, sob a invocação de Medianeira de Todas as Graças, seria a mediadora entre o povo oprimido (operário) e a elite dirigente. Assim, essa devoção não representaria somente o invisível, o miraculoso, o transcendente, mas a ação concreta em benefício do povo.

A questão do trabalho operário, também, foi tema da Encíclica *Rerum novarum*, publicada em 1891, pelo Papa Leão XIII (1878-1903) (Encíclicas papais S/A)⁷ onde ele definiu a Doutrina Social da Igreja Católica quando defendeu os direitos dos trabalhadores e as responsabilidades do capital e do trabalho; tratou do trabalho como uma atividade destinada a promover o ser humano e defendeu os direitos dos trabalhadores à organização de associações com o intuito de conseguir condições de trabalho e salários mais justos. A Igreja Católica, através da Santa Sé, atuava claramente contra o anarquismo e o comunismo para que essas ideologias não se enraizassem no meio operário. Dita posição tinha por base a Doutrina Social da Igreja expressa, também, na Encíclica *Divini redemptoris* que considerava o comunismo como sendo uma ideia falsa de redenção, com um pseudo-ideal de justiça, de igualdade e de fraternidade no trabalho. Considerava que referida ideologia iludia as massas com falsas promessas e com um entusiasmo contagio-

⁷ Disponível em: <http://www.multimedios.org/terra/t000003.htm> Biblioteca Cristã. Acesso agosto 9, 2005. O Papa Leão XIII também publicou a Encíclica *Quod apostolici muneris* condenando os erros do socialismo, do comunismo e das sociedades secretas.

so, numa época em que, conforme o Papa destacava, a população vivia numa defeituosa distribuição da riqueza (Encíclicas papais S/A).

A preocupação com a difusão das ideologias de esquerda entre os operários, também, fazia parte do imaginário santa-mariense, pois, em Santa Maria a classe operária mais significativa, no início do século XX, concentrava-se na *Compagnie Auxiliaire de Chemins du Fer du Sud-Ouest Brésilien*, e o número significativo de ferroviários na cidade propiciou, em 1908, a fundação da Sociedade de Amparo Mútuo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, com o intuito de defender o interesse dos operários que haviam entrado em greve. Essa organização colocava Santa Maria numa posição de importância frente ao Estado.

No Rio Grande do Sul, a paralisação de 1917 começou em Santa Maria com os operários da Viação Férrea e estendeu-se às outras cidades do Estado servidas pela ferrovia (Arquivo Histórico Municipal 1917).⁸ As insatisfações dos operários sul-rio-grandenses em relação ao trabalho são externadas nos anos subsequentes, até os anos de 1920. Com o intuito de afastar os operários das ideias comunistas, a Igreja Católica local buscou na educação e na formação moral cristã, as metas para a vida dos operários e de seus familiares, integrando-os nos Círculos Operários, a partir de momentos de lazer, de esporte e de reivindicação trabalhista (Diehl 1990:7-10).

Desse modo, em agosto de 1920, sob o episcopado de D. Miguel de Lima Valverde (1912-1922), foi fundado o Círculo Operário Católico em Santa Maria. O órgão *Diário do Interior* (Arquivo Histórico Municipal 1920a:2) comunicou a fundação do Círculo Operário Católico que aconteceu no Colégio São Luiz, cuja diretoria ficou a cargo de pessoas da comunidade. Estavam presentes à reunião de fundação os padres João Henrique, Erasmo Raabe e Caetano Pagliuca.

A posse da diretoria do que seria o primeiro Círculo Operário Católico do Rio Grande do Sul aconteceu dia 15 de agosto daquele ano, com a presença de “numerosas pessoas, autoridades civis e militares, e representantes da imprensa”. Quem presidiu a sessão foi o bispo D. Miguel de Lima Valverde, o juiz da comarca, Dr. Joaquim Américo Carneiro e o intendente municipal, coronel Ernesto Marques da Rocha orador oficial, o tenente Souza Reis, no discurso inaugural, destacou a importância do catolicismo entre os operários para mantê-los sob controle:

⁸ O jornal *A Federação de Santa Maria* noticia, no ano de 1917, as várias greves ocorridas na cidade e no País.

O operário deve ficar calmo e resignado no meio da tormenta atual, sempre fitando o farol da religião católica que é a única capaz de o levar a salvo. Aí surge a necessidade da fundação de um Círculo Operário Católico (Arquivo Histórico Municipal 1920b:1).

Depois do discurso o bispo D. Miguel de Lima Valverde encerrou a reunião, servindo-se das palavras da Encíclica *Rerum novarum*. Meses depois, ao ser cumprimentado, pelos associados e benfeitores do Círculo Operário de Santa Maria pelo seu aniversário, comentou sobre seu contentamento pelo “ardor dos sócios”, almejando que “a exemplo desse surgisse outros Círculos Operário em outros lugares” (Arquivo Histórico Municipal 1920c:2).⁹ Essa manifestação encontrou eco, alguns anos depois, no Rio Grande do Sul, por iniciativa dos jesuítas.

Em Santa Maria existia, também, nos anos de 1920, outras associações operárias como a União Operária e o “Centro Operário Dr. Bozano”, lideradas por membros de outras agremiações, como maçons e anglicanos (Arquivo Histórico Municipal 1925:2).

A agitação entre os operários na cidade (Arquivo Histórico Municipal 1920d:3; 1920e:3; 1931a:2) era associada às tendências socialistas e anarquistas, e à fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1922, e como o clero católico se mobilizava contra o comunismo, a situação era de inquietação. Nesse sentido, em 1931, o *Diario do Interior* publicou uma notícia do “*Osservatorio romano*”, órgão de imprensa do Vaticano, sobre a preocupação da Igreja com a pastoral daquele ano devido aos diferentes aspectos do nacionalismo, advertindo aos fiéis que deveriam “respeitar as instituições vigentes” e condenando o comunismo (Arquivo Histórico Municipal 1931b:1).

O Movimento Circulista no Brasil previa disciplinar os trabalhadores, oferecendo-lhes uma alternativa político-organizativa que garantisse sua participação no cenário político em gestação e, ao mesmo tempo, legitimasse a presença católica no espaço do trabalho e promovesse a organização corporativa de todos os trabalhadores católicos do Brasil¹⁰.

O perfil esperado do operário ficava claro, por exemplo, na estrutura e no programa do Círculo Operário Porto-Alegrense (Programa, Estrutura e realizações. Trabalhador Alerta! Leia com atenção e decida S/Aa:1) onde dizia que ele deveria ser “cristão

⁹ O registro do Círculo Operário católico foi realizado somente no dia 19 de março de 1921, “dia da festa de São José”, quando obispo D. Miguel de Lima Valverde aprovou os Estatutos do mesmo. Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 2 verso e 3.

¹⁰ A Encíclica *Quadragesimo anno* foi publicada, em 1931, comemorativa ao 40º ano da *Rerum novarum*, enfocando a urgência do equilíbrio entre capital e trabalho, criticando as estruturas do capitalismo liberal e a “apostasia de grande parte dos trabalhadores (Souza 2002:67, 86-9, 141).

e anticomunista”. Os princípios básicos do circulismo, norteados pela Doutrina Social Cristã e a condenação ao marxismo, pudemos verificar nesse documento:

1º. A moral e a doutrina de Cristo, código inigualável de justiça, respeito mútuo e amor; 2º. A Encíclica *Rerum novarum* e outros documentos pontifícios; 3º. Repúdio à luta sistemática de classes; 4º. O direito natural e sagrado de propriedade legitimamente adquirida; 5º. O direito e a necessidade de intervenção do Estado na questão social, no sentido de regular o justo salário, a justa produção e o justo preço (Programa, Estrutura e realizações. Trabalhador Alerta! Leia com atenção e decida S/Aa. En Arquivo da Província dos Padres Jesuítas Sociedade Padre Antônio Vieira 19--?:1).

Ficava registrado, também, em letras garrafais, que os Círculos Operários Católicos receberam do chefe da nação, Getúlio Vargas, o título de “Órgão Técnico Consultivo do Ministério do Trabalho” (Programa, Estrutura e realizações. Trabalhador Alerta! Leia com atenção e decida S/Aa:1). Dito órgão foi instituído em novembro de 1930 como “Conselho Consultivo composto de individualidades iminentes, sinceramente integradas na corrente das idéias novas”.¹¹ Dentre suas realizações, orientava, construtivamente, o sindicalismo, “colaborando com as autoridades e patrões, livrando os trabalhadores dos despóticos chefes comunistas que tiranizam os operários e criam um ambiente permanente de instabilidade pública”. A página da notícia está ilustrada com uma foto de Getúlio Vargas examinando o álbum das atividades circulistas, explicitando o alinhamento entre a Igreja e o Estado, nesse caso, contra a propagação das idéias comunistas entre a classe operária, além de reafirmar a credibilidade da Igreja católica junto ao governo Varguista.

O governo Vargas, segundo Souza (2002:139-43), colocou na equipe política do Estado assessores técnicos conhecedores da Doutrina Social da Igreja que irão se destacar no cenário trabalhista. A Igreja reconhecia o importante papel que estava sendo desempenhado pelo Estado, pois, Vargas, com a promulgação das leis trabalhistas, cumpria sua promessa com o circulismo feita em 1929, quando se dirigia aos trabalhadores de Porto Alegre: a elaboração de uma legislação sindical e previdenciária.

Os Círculos Operários Católicos no Rio Grande do Sul ficaram, então, sob tutela da Igreja que, também, não tinha muita experiência com o circulismo. Porém, esse cenário político preocupava e, ao mesmo tempo, estimulava o grupo de padres jesuítas que iria coordenar as iniciativas dos Círculos Operários Católicos no Rio Grande do Sul: os padres

¹¹ “A nova organização administrativa do país”. Discurso de posse da chefia do Governo Provisório, em 03 de novembro de 1930” (Vargas 2004:62-4).

Inácio Valle, Urbano Rausch e Emílio Schneider (Rausch 1997). O padre Valle, enquanto agente social do campo religioso católico pretendia, também, que Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças fosse reconhecida como padroeira de todos os Círculos Operários. Para tanto, passou a incentivar os operários dos Círculos a lotarem os trens e dirigirem-se a Santa Maria por ocasião das romarias em honra à referida devoção mariana.

A devoção encontrou campo propício entre o povo ligado aos Círculos Operários. Começou com a idéia de “Romaria Estadual” ao seminário de Santa Maria, onde era venerada a imagem de Maria. A primeira Romaria aconteceu com 23 pessoas da localidade, em 5 de setembro de 1939. As pessoas eram circulistas e outras do círculo de amizades do Pe. Valle. Pe. Emílio que entrou neste Círculo em 1946 e eu [Pe. Rausch] em 1947. Na mobilização para as Romarias da Medianeira nosso trio funcionava.¹² O trem da Romaria, partindo de Porto Alegre, precisava de duas locomotivas puxando catorze, até dezessete vagões. De Caxias, de Cachoeira, de vários municípios da fronteira, vinham outros trens de romeiros circulistas acrescidos de centenas de populares (Rausch 1997:59).

Para Rausch (1997:58), os jesuítas desempenharam um papel importante nos Círculos Operários, pois, além da difusão da devoção a Nossa Senhora, temendo o comunismo, manipulavam as votações e, ainda, enquanto sacerdotes, criaram, entre os operários, certa dependência que acabava por supervalorizar a figura do padre, causando antipatia em relação aos jesuítas.

Um fato relevante para a ressemantização do catolicismo, a partir dessa devoção mariana, foi o fato do padre Leopoldo Brentano ter visitado o Santuário de Nossa Senhora Medianeira¹³, em 1932, para consagrar a ela os Círculos Operários (Valle 1952:10-1). E ainda, o fato de ele ter se inspirado no trabalho da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea, sediada em Santa Maria, para fundar o Círculo Operário de Pelotas, com o apoio de D. João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, à época (Rausch 1997:50).

Essa iniciativa, somada a do padre Caetano Pagliuca, de Santa Maria, em 1920, foi moldando a forma de conquista da classe operária pelo catolicismo no Rio Grande do Sul através do surgimento de novos Círculos Operários¹⁴.

¹² O trio referido pelo autor era composto pelos padres jesuítas acima mencionados.

¹³ A construção do Santuário-Basilica de Nossa Senhora Medianeira começou a ser construído em 1935 e foi concluído em 1975.

¹⁴ Segundo o Relatório de 1946 da Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, em 1934 foram fundados os Círculos Operários de Pelotas, Santa Maria, Caxias do Sul e de Cruz Alta; em 1935, o Círculo Operário Leopoldense, o de Novo Hamburgo e o de Tupancreretã; em 1937, foram fundados os Círculos Operários de Bento Gonçalves e São Gabriel; em 1938, foi fundado o Círculo Operário Taquarense; em 1940, o Círculo Operário

O discurso proferido por Getúlio Vargas, em 1936, por exemplo, condenando o comunismo e as idéias marxistas e o espírito anticristão, dava margem às manifestações do clero católico em relação aos operários:

Desencadeador das forças do mal e do ódio que campeiam sobre a nacionalidade, ensombrado o espírito amorável de nossa terra e de nossa gente [...] alicerçado no materialismo constitui-se o inimigo mais perigoso da civilização cristã [...] uma espécie de primitivismo, às furnas elementares da organização social, caracterizado pelo predomínio do instinto gregário e cujo exemplo típico são as antigas tribos do interior da Ásia (Vargas 2004:87-91)¹⁵

Ao evidenciar o comunismo como proposta de uma sociedade retrógrada e oposta ao progresso “condenado a manter-se em atitude de permanente violência” sugeria que, através dele, a desordem se estabeleceria a fim de implantar o poder “tirânico em nome e em proveito de um pequeno grupo de ilusos e audazes exploradores contra os interesse e com o sacrifício dos mais sagrados direitos da coletividade” (Vargas 2004:87-91).

Diante da posição governamental, os Círculos Operários Católicos foram uma experiência “corporificada da forma hierárquica católica de intervenção no mundo do trabalho e na relação expressiva entre a Igreja e o Estado. Foi um projeto teológico-político da Igreja católica no Brasil, a partir de 1932” (Souza 2002:21). Nesse sentido, a idéia era sacralizar a política social implantada após 1930, com a preocupação de restaurar a dignidade do trabalhador, de manter a nação católica e afastar a sociedade de experiências radicais vindas pelo sindicalismo e pelo capitalismo liberal.

Nesse sentido, a preocupação do padre Valle não era somente devocional mas, também, com a transformação social, com as mudanças sociais da classe operária, indo de encontro ao discurso varguista (Vargas 2004:79).¹⁶ O devoto de Nossa Senhora Medianeira recebeu o título de “Cidadão Porto-alegrense”, em 1978, por ter coordenado um projeto que visava levar o ensino técnico e superior aos operários do Rio Grande

Caiense; em 1941, o Círculo Operário Pratense e o de Uruguaiana; em 1942, foi fundado o Círculo Operário de Carazinho; em 1943, o Círculo Operário Riopardense; em 1944, foram fundados os Círculos Operários de Espumoso, de Rio Grande, de Canela e de Veranópolis e o Círculo Operário Marcelinense; em 1945, foram fundados os Círculos Operários de Garibaldi, de Flores da Cunha, de Santiago, de Soledade, o Círculo Operário Farroupilhense e o Círculo Operário Lagoense; e, em 1946, foi fundado o Círculo Operário Guaibense (Relatório da Federação dos Círculos Operários Católicos do Rio Grande do Sul 1946:6-21).

¹⁵ “O levante comunista de 27 de novembro de 1939, saudação ao povo em 01 de janeiro de 1936”.

¹⁶ “As classes trabalhadoras e o governo da Revolução, discurso proclamado em 29 de outubro de 1932”.

do Sul, na década de 1930. Posteriormente, fundou a Universidade do Trabalho em Porto Alegre¹⁷.

Em Santa Maria, D. Antônio Reis irá, no seu episcopado (1932-1960), posicionar-se favoravelmente frente ao Estado que se apresentava à sociedade civil como a solução de desenvolvimento e progresso da nação. Pretendeu, junto com o clero católico da cidade, contribuir espiritualmente nesse processo. Para isso, convidou os devotos a participarem da romaria em honra a Nossa Senhora Medianeira, em 1933, para apelar a mãe de Jesus por “um novo Brasil e uma nova Constituição” (Arquivo Histórico Municipal 1923:2). Se as preces contribuíram no processo constitucional não é possível mensurar mas, ao governo Vargas se deve à iniciativa da criação de importantes leis sociais. Diferente do período anterior, República Velha, as leis que foram criadas a partir do governo revolucionário irão amparar o trabalhador, indo de encontro à Doutrina Social da Igreja.

Para a Igreja Católica, o momento era de afirmação e de maior intervenção na vida política do país. Já para os grupos oligárquicos, a nova Constituição deveria assegurar aos Estados um papel importante. O maior desafio dos constituintes foi tentar encontrar caminhos capazes de atender a uma gama variada de projetos e interesses (Gomes 1991:9-75).

O alinhamento da Igreja Católica gaúcha com a política varguista, pós- constituição de 1934 ficava explícita, quando o Arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker, pronunciou-se oficialmente, defendendo a obediência da classe operária ao Estado, recordando os princípios cristãos, bem como a fidelidade dos operários à Igreja. Juntos, Estado e Igreja Católica colocavam-se como defensores dos interesses da classe operária. No entanto, os discursos de D. João Becker sinalizavam às preocupações da Igreja e do Estado com relação à possibilidade de rebeldia dos operários influenciados pelas ideologias de esquerda.

O fantasma do comunismo materializava-se, a partir de 1935, com a fundação da Aliança Nacional Libertadora (ANL), organização de esquerda que, dentre outras coisas, defendia a liberdade religiosa, a liquidação de privilégios da raça, cor ou nacionalidade, a nacionalização dos serviços públicos, a garantia dos direitos dos trabalhadores e liberdades populares. Para afastar esse “inimigo”, o Brasil dos anos de 1930, deparou-se com um movimento de fascistização. Tal movimento resultou num projeto de sociedade com pressupostos totalitários, nos moldes da Ação Integralista Brasileira (AIB), criada em São Paulo, em 1932, por Plínio Salgado. Esse grupo inicia suas ativi-

¹⁷ A cópia do seu discurso em agradecimento ao título de Cidadão Porto-alegrense encontra-se no Arquivo da Província dos Padres Jesuítas, “Sociedade Padre Antônio Vieira”, Porto Alegre.

dades no Rio Grande do Sul, em 1934, e no ano seguinte, o Integralismo torna-se um partido político ultranacionalista. A idéia de um governo ditatorial encontrava apoio na oligarquia tradicional, na alta hierarquia militar e no clero.

Desde a Intentona Comunista de 1935¹⁸, Getúlio Vargas manteve o país sob estado de guerra, com a suspensão dos direitos constitucionais e repressão policial. Com essa atitude, justificava a defesa da nação diante do “perigo” comunista. Nesse sentido, as tentativas de avanço do comunismo, pós-1934, desencadearam, segundo Gomes (1991:73-45), uma violenta ofensiva governamental como a repressão policial dirigida à classe operária, a jornalistas, a intelectuais e a parlamentares, sendo que, a partir de 1935, a lei de Segurança Nacional fortaleceria os poderes do Presidente da República, possibilitando um verdadeiro regime de exceção.

IV. DISCURSOS DE D. JOÃO BECKER E SEU APOIO AO ESTADO GAÚCHO

O perfil totalitário que caracterizava o governo Vargas era perceptível também nos discursos do arcebispo D. João Becker, os quais dão conta do alinhamento da Igreja com o Estado nesse quesito: a questão operária. Em outras palavras, os direitos do trabalhador; a humilhação do operário; o trabalho dividido; a nobreza do trabalho e as desigualdades humanas são temas que ele procurava amenizar, citando o exemplo de Cristo, obediente a Deus. Outros temas correntes registrados por D. João Becker em suas Cartas Pastorais e nas publicações da Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre, *Unitas*, principalmente a partir de 1935, são dirigidos aos trabalhadores no Dia Internacional do Trabalho e nos Congressos Operários.

Em Porto Alegre, em 1935, ano da Intentona Comunista, o arcebispo metropolitano destacou, em seu discurso proferido no Círculo Operário Porto-Alegrense (COPA), os princípios da Doutrina Social da Igreja, manifestados pela voz dos papas acerca da questão social e econômica. Era o Dia Internacional do Trabalho. D. João Becker citou as Encíclicas *Rerum novarum*, e *Quadragesimo anno* enfatizando que, no Rio Grande do Sul, o catolicismo ocupava um lugar especial junto aos operários que, assim, queriam comemorar o dia dedicado ao trabalho:

¹⁸ Insurreição político-militar promovida e liderada, em novembro de 1935, por Luis Carlos Prestes. O objetivo era tomar o poder e instalar um governo socialista no Brasil. Agrupava ex-tenentes, comunistas, socialistas, líderes sindicais e liberais excluídos do poder.

Pode alguém estranhar que as festas comemorativas do trabalho sejam iniciadas com a solenidade religiosa que representa o ato mais sublime do nosso culto. Pois não significa, porventura, o dia primeiro de maio a emancipação do trabalho de qualquer concepção cristã, segundo as idéias dos corifeus do marxismo e do leninismo? Seja! Porém, os Círculos Operários do Rio Grande do Sul não aceitam tal significação. Prestam neste dia uma justa homenagem ao trabalho, que nos planos da providência divina, ocupa um lugar de alta relevância social. Acresce que Deus é o artífice máximo na construção do mundo e da mecânica celeste (Becker 1942:126-28).

O discurso denota a preocupação com a difusão das idéias comunistas e como o bispo procurava advertir sobre a necessidade de não dissociar a festa profana do culto divino. O arcebispo enaltece os operários católicos, porque obedientes ao dirigente eclesiástico, não dissociavam a missão apostólica da Igreja do poder civil, colaborando para a “reconciliação do Estado, antes liberal e agnóstico, com a Igreja apostólica e evangelizadora”, galgado pelo arcebispo desde a Revolução de 1930 (Isaia 1993:94).

No entanto, lembrava também que o Papa “não condena o capitalismo, mas reprovava o capitalismo que se arvora em dominador dos Estados e das nações, que escraviza os povos, impondo-lhes a sua vontade, na paz e na guerra”. O marxismo, o comunismo e o socialismo, também, são reprovados no mesmo discurso: “nenhum desses sistemas pode salvar o operariado nem a sociedade, abalada nos seus alicerces”. Ao finalizá-lo, enalteceu a Constituição Federal da República brasileira, a Constituição Estadual do Rio Grande do Sul e os governos dos Estados e municípios que “respeitam e garantem os direitos do operariado”, sendo “a Igreja católica a maior força protetora de todo o operariado, através de todos os séculos da era cristã” (Becker 1942:129-31). O ensinamento da Doutrina Cristã seria condição “*sine qua non* para a edificação de uma verdadeira civilização” (Isaia 1993: 166-70).

Dita concepção, em relação à classe operária, pode ser exemplificada, também, através da Vigésima Quinta Carta Pastoral de D. João Becker (Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre 1935c:373-80), onde ele lembra trechos do Evangelho para estimular, nos operários, a confiança nos fundamentos do cristianismo, tratando também de temas referentes à obediência e à pobreza, citando o exemplo de Jesus Cristo, referindo-se a ele como filho adotivo de José, um carpinteiro, de quem os pobres e humildes se aproximaram com confiança e simplicidade. Ao referir-se, ainda, a Jesus “como reformador social que era, conhecia bem as condições das classes populares, suas lutas e suas dificuldades”, estava claramente dizendo que a salvação estava nos seguidores de Cristo, nesse caso, na Igreja católica, pois “as humilhações do operário tomou-as sobre si o próprio

Filho de Deus”. Os operários deveriam lutar pelos seus direitos sem provocar revoluções, pois deveriam obedecer às legítimas autoridades do Estado, a exemplo de “*Cristo que santificou a obediência*” (Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre 1935c:373-80).

Na citada Carta Pastoral, D. João Becker deixou claro qual é o perfil do trabalhador que a Igreja esperava através dos Círculos Operários Católicos. Os Círculos eram usados como agência reguladora para que o operário fosse obediente à Igreja e ao Estado, elementos ordeiros, uma vez que a Constituição do Estado lhes havia sido favorável. D. João Becker desconsiderava as individualidades, ao aconselhar os operários a se conformarem, a abandonarem suas aspirações. Dá a impressão de que condenava-os a condição de *massa*, num sistema mecanicista e não organicista, subserviente ao poder constituído. Seria então, um contra discurso a seu próprio discurso ou quando condenava o bolchevismo.

O ano de 1935 foi, também, o do I Congresso Operário Católico organizado pelo COPA, onde foram discutidos assuntos referentes ao capital e ao trabalho (Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre 1935d:48). No seu discurso de encerramento, D. João Becker considerou o cristianismo e o bolchevismo como duas forças antagônicas do mundo moderno. Advertindo para os perigos que os operários da nação brasileira enfrentariam se aderissem ao bolchevismo, perguntou: “será possível que nossos operários e camponeses queiram ser condenados à sorte de verdadeiros escravos?” (Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre 1935e:488-90).

Em 1935, D. João Becker, na tentativa de amenizar os ânimos da classe operária e de colaborar com os interesses do Estado, continuou seus pronunciamentos contra o *perigo* comunista que julgava rondar o operariado. Destacou, em seu discurso, o “brilhante exemplo de fé e patriotismo dos Círculos Operários Católicos do Rio Grande do Sul” valorizando a classe operária. Referindo-se ao bolchevismo como “apóstata de Deus e de Jesus Cristo”. Considerava-o uma ameaça violenta, não somente ao operariado, mas a “todas as classes e a todas as posições sociais”, um regime “subversivo no ensino, na educação, no comércio, na indústria na política e nos governos”. Condenava o comunismo como, um “inimigo formidável da civilização cristã, das instituições públicas e das pátrias, império tirânico a todas as nações” (Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre 1935e:488-90).

No final daquele ano, D. João Becker, viajou à Santa Maria para participar do I Congresso Eucarístico da cidade, no seu discurso inaugural ele reforçou as iniciativas do padre Valle pela cristianização dos operários.

O Congresso Eucarístico foi sendo amplamente anunciado em Santa Maria pela imprensa. Os títulos das notícias remetiam a idéia de entusiasmo em torno do acontecimento como, por exemplo, o título da manchete: “*A grandiosa demonstração de fé cristã*”, com o apoio e a presença de D. Sebastião Leme, Cardeal do Rio de Janeiro (Arquivo Histórico Municipal 1935:4).

Através do discurso de D. João Becker, entende-se a declaração de que a Igreja Católica, detentora dos bens de salvação, da ética e da moral cristã, era a salvaguarda dos direitos dos trabalhadores e do Estado, pois combatia, com ele, o inimigo, colocando em evidência, assim, sua conformidade com as diretrizes do Estado brasileiro que condenava qualquer tipo de intervenção política.

No ano seguinte, em 1936, um dos discursos proferidos por Getúlio Vargas respaldava a Igreja Católica e D. João Becker, quando considerava os simpatizantes das idéias marxistas dissimulados e adeptos ao comunismo, “misturadores de toda a casta, perniciosos e astutos” que distribuíam livros sectários, propinando o veneno e protestando inocência a cada passo, pois, não invocam na sua lábia a violência e sim a modificação evolutiva dos valores universais”. Também considerava os comunistas imitadores do *bolchevismo russo*, os quais “se diziam protetores dos proletários” aos quais acabaram escravizando. “São um perigo muito maior do que se possa supor” para a nacionalidade brasileira. Nesse discurso, Vargas alegava a necessidade e o dever de reprimir o comunismo e conclamava a todos os brasileiros a combater juntos, pois apelava para a idéia de que o comunismo pretendia destruir a “grande família cristã”¹⁹

Em nível nacional, foi decretado o fechamento da Aliança Nacional Libertadora e reprimido o levante armado. O Congresso Nacional aprovou a decretação de estado de sítio até meados de 1937, impondo um regime autoritário com interventores estaduais nomeados por Getúlio Vargas. Foi instalado o Estado Novo (1937-1945).

Esse contexto histórico, onde as relações entre a Igreja e o Estado se coadunavam, irá concorrer para nele identificarmos outros fatores de “invenção da tradição”.

¹⁹ “Necessidade e dever de repressão ao comunismo, resposta á manifestação popular recebida o Rio de Janeiro, a 10 de maio de 1936” (Vargas 2004:92-5).

V. NOSSA SENHORA MEDIANEIRA, PADROEIRA DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS E DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

O golpe de Estado de 1937 não afastou a Igreja da política nacional, pois, o Estado soube aproveitar a influência dos eclesiásticos e vice-versa. O apoio irrestrito do arcebispo de Porto Alegre ao Estado Novo estava ligado às suas concepções de democracia, pois, ele entendia que a mesma deveria ser a de um governo “com força”, onde “a força se serve do governo para o avassalamento dos direitos e das liberdades”. Assim, “o regime de 1937, aparecia como um governo popular e democrata, capaz de realizar a prosperidade social e moral do povo”. O Estado Novo era visto como um “paradigma de democracia ímpar” (Isaia 1993:186-90).

A devoção a Nossa Senhora Medianeira, como *capital simbólico* acompanhava as novas diretrizes do governo Vargas à época da implantação do Estado Novo. A exemplo do ocorrido em Santa Maria em 1930, quando a Nossa Senhora Medianeira foi invocada para proteger a cidade, o arcebispo metropolitano, D. João Becker, buscou, na devoção mariana a proteção para o Estado gaúcho frente aos integralistas:

Em 1937, os perigos da revolução entre o governo federal e o governo estadual do Rio Grande do Sul, levaram D. João Becker, arcebispo metropolitano a fazer uma promessa de dedicar uma paróquia à Medianeira com templo votivo, se Nossa Senhora impedisse o derramamento de sangue. Como não houve revolução na cidade, D. João Becker fundou em Porto Alegre a paróquia de Nossa Senhora Medianeira, em 1942, em agradecimento à graça recebida (Becker 1943:21-2).

A invocação da devoção mariana gaúcha também irá aparecer em nível nacional, em 1937, quando D. Sebastião Leme chamou o padre Leopoldo Brentano ao Rio de Janeiro para fundar o *Movimento Nacional dos Círculos Operários Católicos*. Esse movimento teria sido resultado da fusão de duas iniciativas dos padres, Valle e Brentano: os Círculos Operários e a devoção a Nossa Senhora Medianeira. Para Rausch (1977:55-61):

Pe. Brentano e Pe. Valle fundiram num só movimento o Movimento dos Círculos Operários do Brasil com o Movimento do Santuário da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Pe. Brentano fez uma promessa: para onde fossem fundados Círculos, iria junto a Mãe Medianeira de Todas as Graças, que é proclamada a Medianeira e Rainha de todos os Círculos Operários do Brasil.

Assim, podemos inferir que outro desdobramento da “invenção da tradição” irá surgir em 1937, em nível nacional, e terá grande significado para a Igreja Católica.

Nesse ano, no Rio de Janeiro, no Primeiro Congresso de Operários Católicos do Brasil, os intelectuais do Centro D. Vidal fundaram a Confederação Nacional dos Operários Católicos. Mas, segundo Rausch (1977) os confederados ostentavam somente o título, pois não possuíam membros e nem a experiência dos jesuítas com o operariado. Segundo os escritos do Pe. Valle, nesse Congresso foram ainda escolhidos a bandeira e o programa da Confederação Operária, foi eleito o presidente da primeira diretoria e *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças* foi escolhida como “Rainha e Advogada de todos os Círculos Operários do Brasil”, ou seja, a padroeira da Confederação dos Círculos Operários Católicos. O resultado dessa eleição foi enviado pela *Confederação Nacional de Operários Católicos* aos Bispos católicos do Brasil, que se reuniram no Rio de Janeiro, em 1939, em Concílio Plenário Brasileiro, onde aprovaram o pedido feito e estabeleceram que a festa em honra a Nossa Senhora Medianeira aconteceria em todo o território nacional. Em todos os Estatutos circulistas deveria encontrar-se Nossa Senhora Medianeira como padroeira e advogada dos Círculos Operários, como ele e o padre Brentano pretendiam (Valle 1952).

A devoção mariana, que no Brasil se consolidou a partir de Santa Maria, em 1931, tomava dimensões nacionais em 1939, em pleno Estado Novo. Tal acontecimento fortalecia a Igreja Católica a qual detinha a doutrinação dos operários dos Círculos. As idéias do comunismo não deveriam encontrar espaço na citada Confederação.

Assim, se o apelo à devoção mariana tinha origem na fé de alguns, também estava na convicção de que o apoio do Estado oficializaria a importância de Nossa Senhora Medianeira enquanto *capital simbólico*, no campo religioso. Um poder difícil de ser combatido pelo seu valor subjetivo, religioso, sentimental, sobrenatural. Um *bem de salvação* para a Igreja e um trunfo poderoso a favor do estadista.

A Igreja Católica, através dos Círculos Operários contribuiria, assim, para forjar um trabalhador “disciplinado, despolitizado e produtivo”. Então, na visão do Estado e da Igreja “o negativo conceito de luta de classes” deveria ser substituído pelo “conceito positivo de colaboração de classes”. O Estado Novo, como sabemos, nunca se entusiasmou por disseminar uma participação política ativa de massas, ao contrário, voltou-se muito mais para bloquear e impedir esse tipo de manifestação por parte de seus adversários. No entanto, usou de outros meios “não convencionais de adesão das massas [a devoção popular] e efetivou a centralização do poder simbólico” (Lenharo 1986:22-53).

No entanto, a batalha cotidiana contra o comunismo levou a outros desdobramentos no campo religioso já que, segundo Souza (2002:218), os circunistas de outros Estados do Brasil entronizaram nos seus locais de trabalho Nossa Senhora Aparecida, no intuito de “exorcizar a desordem”. Então, podemos dizer que existiam, oficialmente, duas devoções marianas entre os operários no Brasil: Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora Medianeira. Como e quando foi escolhida Nossa Senhora Aparecida para ser venerada nos Círculos Operários Católicos não pudemos precisar. Parece-nos, nesse sentido, que a iniciativa da Igreja em oficializar apenas uma invocação de Nossa Senhora como padroeira dos Círculos Operários não teve o resultado esperado, pois, nos outros Estados, onde foram organizados Círculos, também havia se propagado a outra devoção mariana.

Podemos inferir que, se o número de pessoas motivadas a participar das romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira, à época do Estado Novo, passava a ser significativa, por outro lado, devemos considerar que os membros dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul eram *incentivados* pelos sacerdotes a externar sua devoção a Nossa Senhora. Os operários faziam parte de uma parcela significativa da população que, *motivados*, somavam esforços na reafirmação do catolicismo e na edificação da nação católica respalda pelo governo varguista. A Igreja, em particular, pretendeu não somente dar oportunidade aos operários de conhecerem a Doutrina Social Cristã no ambiente dos Círculos Operários, mas também, obviamente, convertê-los ao catolicismo. A partir disso, pode-se inferir que tal *motivação* visava também consolidar a “invenção da tradição” em torno da devoção a Nossa Senhora Medianeira.

Nesse caso, os eclesiásticos, citados neste estudo, contribuíam para a manutenção do *culto civil* ao presidente que, em nível nacional, transformou o estadista no “pai dos pobres”, um herói nacional²⁰.

Para reforçar o apoio do clero de Santa Maria ao Estado, D. Antônio Reis, em Carta Pastoral, reafirmou o dever do católico, não somente de obedecer à Igreja para não errar, em termos de doutrina e moral, mas também, recomendou que nas assembleias cristãs deveriam conspirar contra a ordem pública (Arquivo da Mitra Diocesana de Santa Maria 1945:5, 27, 28).

²⁰ A religião civil se compõe de ritos e símbolos relativos à nação e a seus fundadores. Nesse caso, o clero católico de Santa Maria colaborava para o culto civil com a ressemantização da devoção popular mariana e suas romarias (Rosendahl 2001:23).

O impulso dado pelos jesuítas à devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças tomou vulto em nível nacional e os bispos do Estado gaúcho decidiram proclamá-la, em 1942, também, Padroeira do Rio Grande do Sul (Becker 1942:265).

Assim como Maria, sob a invocação de Nossa Senhora de Guadalupe é a padroeira da América Latina e sob o título de Nossa Senhora Aparecida é a padroeira do Brasil, assim querem hoje, proclamá-la padroeira do Rio Grande do Sul, sob a invocação de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.

Nesse sentido, Nossa Senhora Medianeira assumia, a partir dessa data, dupla função simbólica, ser padroeira dos Círculos Operários e do Estado do Rio Grande do Sul e o objetivo do clero santa-mariense, representado nos anos de 1930 e 1940, nas pessoas do bispo de Santa Maria, D. Antônio Reis e do jesuíta, padre Inácio Rafael Valle, fora alcançado: a afirmação do catolicismo. Santa Maria ultrapassava as expectativas, pois, a cidade passou a ser reconhecida por sua catolicidade com a realização das romarias, a par de ser também, desde 1939, a sede da padroeira dos Círculos Operários Católicos do Brasil.

Se, para o Estado, a devoção mariana irá servir para congregar a massa proletária e suas famílias, “defendendo-as do comunismo”, para o clero a Igreja estava oferecendo à classe operária uma devoção onde ele poderia depositar suas esperanças e sua confiança num mundo mais justo para o proletariado. Na política uma estratégia e na imaginação simbólica²¹, uma devoção mariana, uma *poderosa Senhora*, o símbolo significado e significante, que faria a intermediação dos pedidos desses homens a Deus, um colo materno para o consolo nos momentos de dor, aflição e perigo, a exemplo do que a população local já havia experimentado por ocasião do episódio de 1930.

Essa afirmação, embasada em Durand (1988:16-7) considera que o símbolo, nesse caso a imagem de Nossa Senhora, faz “aparecer um sentido secreto, é epifania de um mistério”, tem uma metade visível, “o significante”, o estandarte, a imagem, carregada do máximo de concretude, pois se enraíza em três dimensões concretas: é, ao mesmo tempo, cósmico, ou seja, retira toda a sua figuração do mundo visível que nos rodeia e, onírico, pois se enraíza nas lembranças, nos gestos, na biografia mais íntima do fiel devoto (o te-

²¹ A imaginação simbólica refere-se quando o significado não é absolutamente representável e o signo só pode referir-se a um sentido, não a um objeto sensível. O símbolo é definido como qualquer signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo ausente ou impossível de ser percebido. O símbolo é a reconstrução do sensível, do figurado ao significado mas, pela própria natureza, o significado é inacessível, ou seja, aparição do indizível, pelo e no significante. A área do simbolismo é o não-sensível em todas as suas formas (inconsciente, metafísica, sobrenatural e supra-real). Essas coisas ausentes ou impossíveis de se perceber que são assunto da religião, da arte, da metafísica, da magia (Durand 1988:12-15).

mor, a proteção dos filhos, a proteção da cidade, amor maternal) e poética, isto é, também apela para a linguagem (Nossa Senhora) a mais concreta, a dona, a que domina. Assim, o duplo imperialismo do significado e do significante, na imaginação simbólica, marcaria, especificamente, o signo simbólico e constituiria a flexibilidade do símbolo mariano.

VI. CONCLUSÃO

A Igreja Católica de Santa Maria obtinha, com a devoção a Nossa Senhora Medianeira, a oportunidade de convencer os devotos sobre a ação divina a partir de um acontecimento concreto –o episódio de 1930– e, com isso, desconstruir os discursos divergentes em relação à devoção mariana, catalizando-a para um projeto maior no campo religioso, no qual estava em jogo, desde os anos de 1920, o prestígio da Igreja e seu capital de bens de salvação. Nesse campo, o capital cultural como conjunto de bens acumulados, como por exemplo, o conhecimento dos bispos e sacerdotes, creditava poder de monitorar a devoção através dos discursos. Assim, o capital simbólico representado pela devoção a Medianeira, agia como sobreposto à autoridade, ao reconhecimento, ao prestígio, o que agregava valor à Igreja, conferindo a ela um poder que lhe era fundamental para a conquista de fiéis e para o seu *reconhecimento* como preponderante no Estado.

Aqui, então, redefine-se o conceito de interesse da Igreja que, nesse caso, significava especificamente a legitimação social do capital religioso no Estado, pois, estava investindo no jogo de trocas: a *Medianeira que salvou* a cidade da revolução, salvaria também a população do agnosticismo e do comunismo. Para tanto, era imprescindível a fidelidade dos devotos.

Podemos afirmar que essa devoção mariana deu um novo perfil à Igreja Católica em Santa Maria e cooperou para a concretização da idéia da Igreja em período de *renovação*. O clero de Santa Maria contribuiria, significativamente, para a consolidação e implementação efetiva da Restauração Católica, um projeto nacional da Igreja em prol da afirmação do catolicismo²².

²² No Brasil, a Restauração Católica acontece após a proclamação da República quando a Igreja iniciou um movimento de reação contra o novo regime, tendo em vista o seu caráter leigo, pois durante o Império a Igreja gozava de alguns privilégios, por ser o catolicismo a religião oficial. Com a República, a Igreja passa a dar ênfase à união entre fé católica e pátria brasileira para recuperar sua influência junto ao poder político. É a partir da década de 1920 que realmente inicia uma etapa que pode ser designada como Restauração Católica ou neo-Cristandade brasileira; tratava-se apenas de uma evolução na concepção de Igreja. (Azzi 1994).

A devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, adquiriu importante significado para a diocese de Santa Maria, pois, o objetivo de cristianizar a cidade, empreendimento difícil nas primeiras décadas do século XX, foi sendo facilitado pelo crescimento dessa devoção de modo que transformou-se em um evento de grande repercussão, tanto em nível estadual, quanto nacional, pois as romarias sempre ocorreram em Santa Maria.

Da análise que fazemos, inferimos que o objetivo dos jesuítas ia ao encontro das estratégias governamentais, pois, valores que eram caros ao Estado Novo, como o nacionalismo e a valorização do trabalho, promovidos de inúmeras formas, principalmente pela propaganda, serviram para forjar os laços de Getúlio Vargas com as camadas subalternas e para combater o comunismo e a Igreja, sob essa perspectiva, servia também como mecanismo de controle.

É mister que se destaque, porém que, oficialmente para a Igreja Católica no Rio Grande do Sul, predominou a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças como padroeira dos Círculos Operários no período estudado. O clero gaúcho havia conquistado o operariado católico com a devoção mariana da cidade de Santa Maria que era reforçada com as romarias. Entendemos, a partir do exposto, que essa devoção mariana foi uma construção e, posteriormente, uma forma de doutrinação, mesmo que fosse afirmada a liberdade de confissão religiosa nos Círculos (Programa, Estrutura e realizações. Trabalhador Alerta! Leia com atenção e decida S/Aa:16).

Lembramos, porém, que, o fato de Nossa Senhora ser considerada padroeira dos Círculos Operários definia a predileção dos dirigentes por uma devoção popular católica e, de certa forma, restringia os Círculos Operários aos católicos, excluindo, a nosso ver, outras confissões religiosas. A devoção mariana atestava, também, a estratégia da Igreja com relação à “infiltração” de outras religiões ou seitas entre os operários católicos, pois, seus dirigentes temiam que eles fossem *contaminados* com outras doutrinas e deixassem de obedecer e respeitar a Igreja Católica e o Estado.

Assim, a cidade de Santa Maria, ao se tornar um centro de peregrinação em honra a Nossa Senhora Medianeira, podia ser oficialmente identificada pela religiosidade da população, pois, a devoção mariana também passou a refletir a sociabilidade. No entanto, o poder civil, na pessoa do prefeito, assume posição de frente junto ao bispo, emoldurando com a pompa e o *brilho* das bandeiras as romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira. Isso reflete a conotação simbólica e política da *feira* resultante da romaria.

O poder simbólico estava personificado nas autoridades máximas do Município, o Executivo e o Legislativo e, ao lado deles, o episcopal. Assim, *a festa à Medianeira* possibilitou, ao Estado, apropriar-se do poder da Igreja Católica ao reunir diferentes grupos sociais com interesses distintos e até divergentes. Ou seja, se considerarmos que a religiosidade popular, antes considerada por alguns políticos, objeto de crítica para combater a Igreja Católica, podemos inferir que agora, *inversamente*, ela servia de *trampolim* para aproximar os políticos de seus eleitores. A devoção popular, teoricamente, não caracterizaria mais a população como ingênua ou ignorante por acreditar em Nossa Senhora, pois, havia respaldo, não somente da Igreja Católica, mas, também, daquela instância, o poder civil.

Desse modo, cumpria-se a política institucional da Igreja Católica com todo o aparato de seu universo simbólico, nesse *campo*, portanto, Santa Maria tornava-se um contra-senso para alguns políticos pois, a romaria não era privilégio de fiéis devotos mas, também, de políticos com ideologias distintas e definidas, às vezes, alinhadas com o Estado e a Igreja e outras vezes, não.

Entendemos que, essa devoção popular no Rio Grande do Sul foi usada estrategicamente no jogo político. A Igreja católica se articulou com o Estado sem deixar de lado, obviamente, o seu discurso teológico, pois, através dele, legitimava sua posição na sociedade civil. A pompa das procissões em honra a Nossa Senhora Medianeira, com a presença de representantes do poder civil em Santa Maria, retratava publicamente o prestígio da hierarquia eclesiástica.

A síntese dessa dialética entre a intervenção oficial, o clero, e a devoção popular, revelou-se, nas iniciativas do clero que, ao longo dos anos vai, não somente emprestando ao culto mariano uma solenidade maior, mas também atribuindo-lhe uma nova identidade quando a introduziu nos Círculos Operários, ampliando, assim, a cadeia de significados dessa devoção popular, contingenciada pela autoridade eclesial pois, à Medianeira que salvou a cidade da Revolução de 1930 são atribuídas outras identidades e a festa em torno da devoção, ao longo dos anos, foi sendo “reinventada” (Vovelle 1991:242-48).

REFERÊNCIAS

Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso (ACMEC), 1930a. “Novena em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Outubro 08, A 20.

_____. 1930b. “O dia da prece diante da Imagem de Nossa Senhora Medianeira no Seminário São José”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Outubro 11, A 20.

_____. 1931a. “Uma greve operária”. *Diario do Interior*, Janeiro 21, A 21.

_____. 1931b. “A Igreja católica e as doutrinas comunistas”. *Diario do Interior*. Janeiro 16, A 21.

Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (ACMPA), 1935a. “O dia do Trabalho”. *Unitas, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*. Secção Doutrinária e Noticiário, 6-7:126-28.

_____. 1935b. “O dia do Trabalho”. *Unitas, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*. Secção Doutrinária e Noticiário. 6-7:129-31.

_____. 1935c. Vigésima Quinta Carta Pastoral de D. João Becker, “Rehabilitação da pobreza, do trabalho e da obediência”. *Unitas, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre* 9-10:373-80.

_____. 1935d. *Revista Honestas*.

_____. 1935e. “Congresso Operário”, Seção doutrinária, *Unitas, Revista Eclesiástica de Porto Alegre*. Novembro-dezembro 11 e 12. A 22.

Arquivo da Mitra Diocesana de Santa Maria (AMDMSM), 1945. “Carta Pastoral do Exmº. e Revmº. D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria aos seus abnegados Irmãos cooperadores e diletos filhos, por ocasião do 14º aniversário de sua sagração episcopal”. Santa Maria/ RS

Arquivo da Província dos Padres Jesuítas “Sociedade Padre Antônio Vieira” (APJPA). 1930. “Histórico da devoção de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças no Brasil”, Setembro 08 [s.n.] (datilografado).

_____. 1946. “Relatório da Federação dos Círculos Operários Católicos do Rio Grande do Sul”. Porto Alegre/RS.

_____. 1954. “História da Devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”. *Copa em Revista*, Novembro 27.

_____. S/Aa. “Programa, Estrutura e realizações. Trabalhador Alerta! Leia com atenção e decida”. *Círculo Operário Porto-alegrense, COPA*. Porto Alegre/RS

_____. S/Ab. *Discurso do Pe. Inácio Valle* em agradecimento ao título de Cidadão Porto-alegrense.

Arquivo Histórico Municipal (AHMSM), 1920a. “Circulo Operário de Santa Maria”. *Diario do Interior*, Agosto 03, A 10.

_____. 1920b. “Circulo Operário de Santa Maria: posse de sua diretoria”. *Diario do Interior*, Outubro 15, A 10.

_____. 1920c. “Circulo Operário”. *Diario do Interior*, Setembro 29, A 10.

_____. 1920d. “Rumores de Greve”. *Diario do Interior*. Setembro 26, A 10.

_____. 1920e. “Viação Férrea: os escriturários não sairão de Santa Maria. Uma greve”. *Diario do Interior*, Setembro 11, A 10.

_____. 1923. “Festa da Medianeira”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*. Maio 24, A 19.

_____. 1925. “Centro Operário Dr. Bozano”. *O Castilhistas*. Março 21, A 1.

_____. 1926a. “O manifesto do Sr. Ribeiro Tracques”. *O Castilhistas*, Agosto 21, A 2.

_____. 1926b. “A língua dos bajuladores”. *O Castilhistas*, Novembro 13, A 2.

_____. 1927. “Ainda a vergonha de um homem e de um bando”. *O Castilhistas*, Janeiro 22, A 2. 1917. *A Federação*.

_____. 1935. “Congresso Eucarístico diocesano. Continuam os preparativos. Comunhão aos doentes do Hospital de Caridade. Os aplausos do Cardeal Leme do Bispo de Uruguaiana. Outras informações”. *Diario do Interior*. Novembro 27, A 20.

Arquivo Paróquia Nossa Senhora da Conceição (APNSC), 1915-1944. Livro Tombo n. 4, Catedral Diocesana de Santa Maria.

_____. 1930. “Um grande mal e um grande remédio!” *Revista Rainha dos Apóstolos*: 4-5.

Azzi, Riolando. 1994. *A neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus.

Becker, D. João. 1942. “Proclamação de Maria Santíssima Medianeira de Todas as Graças” *Unitas Revista Eclesiástica de Porto Alegre*.

_____. 1943. “Criação da Paróquia de N. S. Medianeira”. *Unitas Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, Janeiro-fevereiro.

Belém, João. 2000. *História do Município de Santa Maria, 1797-1933*. Santa Maria: EdUFSM

Bourdieu, Pierre. 1998. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 5ª edicion.

Diehl, Astor. 1990. *Círculos Operários no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Durand, Gilbert. 1998. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, EdUSP.

Encíclicas papais. S/A. Acesso agosto 2005. Disponível em: <http://www.multimedios.org/terra/t000003.htm> Biblioteca Cristã.

Gomes, Ângela Maria de Castro. 1991. “Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935)”. Pp. 9-75 em *O Brasil Republicano: Sociedade e política (1930-1964)*, editado por Boris Fausto. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Tomo III, N° 10.

Gutiérrez, Alicia B. 1994. *Pierre Bourdieu: las prácticas sociales*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.

Hobsbawm, Eric. 1997. “Introdução: a invenção das tradições”. En *A Invenção das Tradições*, editado por Eric e Terece Ranger. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Isaia, Artur. 1993. «Catolicismo e desenvolvimento varguista: nexos do apoio da Arquidiocese de Porto Alegre ao Estado brasileiro no período pós-30». *Revista Estudos Ibero-Americanos* XIX: 2.

Rausch, Pe. Urbano. 1997. *Uma vida dedicada ao Círculo Operário*. São Leopoldo: UNISINOS.

Rosendahl, Zeny. 2001. “Espaço, política e religião”. Pp. 9-38 em *Religião identidade e território*, editado por Zeny Rosendahl y Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Silva, Pe. Francisco Oliveira. 1995. "O Cardeal Leme e a Revolução de 1930". Roma. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Gregoriana, Faculdade de História Eclesiástica.

Souza, Jessie Jane. 2002. *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ.

Vargas, Getúlio. 2004. *O pensamento político de Getúlio Vargas*. Porto Alegre: Assembléia legislativa do Estado do Rio Grande do Sul/ Museu Júlio de Castilhos.

Valle, Pe. Inácio. 1952. *Com Maria Mãe de Jesus: cruzadas de santas missas em honra e nas intenções da Virgem Medianeira*. Santa Maria: Pallotti.

Vovelle, Michel. 1991. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense.